

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ

EDUARDO FELIPE DOS SANTOS

KATRINE GONÇALVES DA LUZ

**A INTERMEDIÇÃO DO PEDAGOGO NA ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 6 ANOS DE IDADE**

CASCADEL

2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ
EDUARDO FELIPE DOS SANTOS
KATRINE GONÇALVES DA LUZ

**A INTERMEDIÇÃO DO PEDAGOGO NA ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 6 ANOS DE IDADE**

Trabalho apresentado na disciplina, de Trabalho de Conclusão de Curso: Artigo, como requisito parcial para obtenção da aprovação no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz.

Professora Orientador: Silvana Rodrigues Krefta

CASCADEL

2019

**EDUARDO FELIPE DOS SANTOS
KATRINE GONÇALVES DA LUZ**

**A INTERMEDIÇÃO DO PEDAGOGO NA ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 6 ANOS DE IDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, exigido como requisito parcial para obtenção de aprovação semestral, sob orientação da Professora Silvana Rodrigues Krefta, tendo sido _____ com a nota _____, na data de ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professor (a) orientador (a): Silvana Rodrigues Krefta
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Professor (a) avaliador (a): Jean Carlos Coelho
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Professor (a) avaliador (a): Silvia Aparecida Cavalheiro
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Cascavel, ____ de _____ de 2019

A INTERMEDIACÃO DO PEDAGOGO NA ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 6 ANOS DE IDADE

SANTOS, Eduardo Felipe dos¹
LUZ, Katrine Gonçalves da²
KREFTA, Silvana Rodrigues³

RESUMO: Este artigo aborda a questão da adaptação das crianças no momento de sua inserção na Educação Infantil. O objetivo principal é problematizar a importância da adaptação na Educação Infantil e a função do pedagogo na fase inicial do processo de Ensino e aprendizagem. Durante o texto, pretende-se apresentar o conceito de infância historicamente, entender o processo de adaptação da criança no meio escolar, explicitar a importância do professor/pedagogo para o crescimento educacional do aluno e discutir os métodos pedagógicos que mais despertam o interesse nos momentos de encontro em sala na Educação Infantil. Por meio de uma pesquisa bibliográfica foi possível averiguar a importante função do professor pedagogo na recepção da criança na Educação Infantil, o qual deve procurar uma adequação na sua rotina em sala de aula para proporcionar o acolhimento da criança recém-chegada, a fim de que esta vá aos poucos se habituando nesse novo ambiente. Além de oferecer atenção à criança, é indispensável tranquilizar os pais ou responsáveis para que se sintam confortáveis e seguros com o local onde estão deixando seus filhos. Desta forma, o processo de adaptação se torna menos impactante para a criança, para sua família e também para o ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Infantil. Adaptação. Função do pedagogo.

ABSTRACT: This article analyzes the children's adaptation at the moment of their insertion in kindergarten. The main objective is to problematize the importance of adaptation in kindergarten and the pedagogue's function in the initial phase of the teaching and learning process. During the text we intend to present the concept of childhood historically, to understand the process of child's adaptation in the school environment, to explain the importance of the teacher / pedagogue for the student's educational growth and to discuss the pedagogical methods that most arouse interest in the moments of meeting in class in kindergarten. Through a bibliographic research it was possible to ascertain the important function of the pedagogical teacher in the reception of the child in the kindergarten, who should look for an adaptation in his routine in the classroom to provide the reception of the newcomer child, so this child will gradually get used to this new environment. In addition to offering attention to the child, it is essential to reassure parents or responsible to feel comfortable and safe with the place where they are leaving their children. Thus, the adaptation process becomes less impactful for the child, for his family and also for the school environment.

Keywords: Kindergarten. Adaptation. Pedagogue's function.

¹ Acadêmico, eduardofelipeees@gmail.com

² Acadêmica, katrine_luz@outlook.com

³ Orientador, silkreftafag@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata do tema da intermediação do pedagogo na adaptação das crianças na Educação Infantil. Este tema é de suma importância, pois a Educação Infantil é um espaço com peculiaridades distintas, um período de busca de autonomia e identidade para a criança e, também para que os pais possam ter segurança em deixar seus filhos aos cuidados da instituição escolar.

A infância é o período do nascimento à puberdade, ou seja, de zero a doze anos de idade. Originada de palavra latina, a infância se refere ao indivíduo que ainda não é capaz de falar. É a fase do tocar, olhar, pegar, sentir, ou seja, de interpretar e conhecer o mundo ao seu redor.

A adaptação da criança na Educação Infantil pode ser dolorosa se não for tratada com paciência e respeito, tanto pela escola/professores quanto pelos familiares, pois esta fase marcada pela separação da família pode causar diversas situações como choro, isolamento, recusa em se alimentar. Estas reações são bem comuns, mas podem atrapalhar o processo de adaptação.

O objetivo da Educação Infantil é garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Os profissionais da Educação devem ter consciência que esta tarefa não será nada fácil, e que terão que buscar subsídios para poder exercer a função de cuidar e educar com êxito.

Como objetivo principal deste trabalho, problematiza a importância da adaptação na Educação Infantil e a função do pedagogo nesta fase inicial do processo ensino e aprendizagem, bem como, na coordenação de todo o trabalho a ser realizado inicialmente pelos profissionais de determinada instituição. Como objetivos específicos pretende-se apresentar o conceito de infância historicamente, entender o processo de adaptação da criança no meio escolar, explicitar a importância do professor/pedagogo para o crescimento educacional do aluno, e discutir os métodos pedagógicos que mais despertam o interesse nos momentos de encontro em sala na Educação Infantil.

Este estudo terá como base uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico, visando alcançar os objetivos propostos acerca da temática: O desafio do Pedagogo no período de adaptação na Educação Infantil.

A pesquisa bibliográfica é caracterizada pela pesquisa em materiais já elaborados sobre o assunto. Dessa forma, a revisão bibliográfica será realizada por meio da leitura sistemática e

produção de fichamentos, a partir da consulta a livros, artigos, revistas, e fontes que abordam o tema proposto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 IDEIA DE INFÂNCIA HISTORICAMENTE

A infância é um conceito que é fruto da construção social, contudo por mais que sempre esteve presente o conceito de criança, a infância nem sempre existiu. A realidade e representações da infância foram diversas, contudo a sociedade passou a considerar a criança e suas necessidades com importância há pouco tempo, quando passou a valorizar o desenvolvimento desta e a considerar que tudo tem o seu verdadeiro tempo (AHMAD, 2009).

A concepção de infância no período da Antiguidade pautava-se em indivíduos sem direitos que deveriam seguir padrões impostos pelos adultos e, inclusive, realizar atividades que os próprios adultos realizavam.

Sendo assim, ficavam pouco com a família e logo saíam para trabalhar e fazer parte do mundo dos adultos, sendo confundidos com adultos onde seriam educados na própria sociedade sem a presença de instituições, ressaltando a não existência de infância, adolescência ou juventude, as crianças passavam diretamente para a fase adulta (KOHAN, 2005).

Ao decorrer do tempo, surgiram diversas concepções de infância, primeiramente sendo visualizada como um adulto em miniatura, com os cuidados e educação realizados pela família, principalmente pela mãe. Contudo, existiu algumas instituições alternativas que realizava cuidados das crianças desfavorecidas ou rejeitadas, porém em condições precárias de saúde e higiene, já que não havia o sentimento de infância e a não distinção entre o mundo adulto e o infantil (ARIEÉS, 1981, *apud* AHMAD, 2009).

Sendo assim, a visão de infância foi construída social e historicamente, aparecendo especificamente na sociedade moderna como uma nova forma de reorganizar esses papéis das crianças (ARIES, 1981). Tal concepção surgiu com a necessidade de reduzir os índices de mortalidade infantil.

Também, considera-se nessa história que se tinha um assustador índice de bebês abandonados ou deixados nas ruas, que por vezes eram devorados pelos cães ou animais, ou ainda mortos devido à fome, frio e outras condições (NETO, 2000). Ainda, os que não passavam por essas condições eram deixados na “roda dos enjeitados” que faziam parte de instituições de caridade, isto é, abandonados em um espaço cilíndrico que tinha em frente a esses lugares e essa roda seria girada para que chegassem do outro lado e alguém pudesse pegar, sendo que ao deixar a criança ali o adulto puxaria uma cordinha, e o barulho do lado de dentro indicava que havia mais um infante abandonado (PASSETI, 1996).

Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como creches ou parques infantis praticamente não existia no Brasil. No meio rural, onde residia a maior parte da população do país na época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra e índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, bebês abandonados pelas mães, por vezes filhos ilegítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas “rodas de expostos” existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII. (OLIVEIRA, 2002, p. 91).

Foi só a partir de um longo período que as mudanças começaram a aparecer, desenvolvendo um sentimento diferente pela infância, e a criança passa a ser o centro da família que gradualmente se organiza para atender as necessidades desta a dar-lhe a devida importância (KOHAN, 2005).

Após a criação de creches em indústrias, para que filhos de operários pudessem frequentar, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, por volta do início do século XX, houve um intenso debate e controvérsias sobre a sua necessidade. Alguns defendiam as creches como um recurso necessário para possibilitar a mão de obra feminina no mercado de trabalho, falando ainda que seria um mal necessário. Outros defensores das teorias psicológicas defendiam que somente uma mãe poderia cuidar de seus filhos (SOUZA, 2007).

Após este período de controvérsias, verificou-se a importância da implementação das creches no meio público. A partir daí vários documentos asseguram o direito do atendimento gratuito para crianças. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394 de 1996) discorre que o atendimento gratuito em creches e pré-escolas é um dever do Estado, estabelecendo responsabilidade dos municípios de realizar este trabalho, sendo que todas as instituições de Educação Infantil, sendo elas públicas ou privadas, estejam inseridas no sistema de ensino.

Considerando a criança como um ser que possui sentimento subjetividade, é que foi institucionalizado o dever da família, comunidade, sociedade geral e poder público de priorizar saúde, educação, e outros cuidados básicos que a criança deveria ter (DIGIACOMO, 2013).

Assim que a visão da criança como um adulto em miniatura foi alterada, as brincadeiras começam a fazer parte do tempo da infância, e principalmente de instituições de Educação Infantil que antes eram vistas como assistencialistas, e passam a ser trabalhadas como espaço para o desenvolvimento integral das crianças.

Nesse sentido:

O brinquedo educativo data dos tempos do renascimento, mas ganha força a expansão da educação infantil, especialmente a partir deste século. Entendido como recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa [...]. (KISHIMOTO, 2005, P. 36).

Essa força que o brinquedo ganha implica fortemente na concepção de infância e de desenvolvimento psicossocial por meio deste, sendo ampliado ainda mais sua visão ao longo da história com o surgimento de estudos, como de Piaget, sobre as fases em que a criança passa, e uma delas a inclusão do lúdico é essencial.

2.2 A FAMÍLIA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

Para ser possível falar sobre a adaptação de uma criança no espaço escolar, se faz necessário refletir sobre a família, a escola e a necessidade dos pais de colocar seu filho (a) em uma instituição infantil.

No momento de deixar a criança na instituição de ensino infantil, a família apresenta diversas reações, desde o alívio por conseguir a vaga e então poder fazer parte do mercado de trabalho, mas também culpa por sentir que está “abandonando” a criança. Uma intensa preocupação dos pais neste momento é em relação aos cuidados que a criança receberá na creche, o que causa insegurança (MARANHÃO; SARTI, 2008).

Mesmo algumas famílias em que um dos pais não trabalha fora, em muitos casos estes procuram as escolas de educação infantil para uma maior socialização da criança, já que neste ambiente seu filho (a) terá comunicação e interação com outras crianças de sua idade. Alguns responsáveis optam em colocar os filhos em instituições de ensino infantil por acreditar que estas podem oferecer melhores recursos para estabelecer relações e contribuir para sua socialização, educação e estimulação das crianças.

A adaptação tem início logo no primeiro contato da escola com a família da criança, sendo que é neste encontro que se geram as primeiras impressões, as quais influenciarão a forma como os pais irão se relacionar com este novo ambiente. É fundamental que a escola, como um todo, passe segurança para a família, a fim de confortar os pais ou responsáveis neste momento de separação, pois todo o ambiente de mudança exigirá uma base sólida de conforto social e emocional (ROSETTI, FERREIRA, 1993).

No ingresso na Educação Infantil, tanto as crianças como as famílias necessitam de ajuda para enfrentar esta etapa, a fim de torna-lo menos difícil. Para este auxílio é possível contar com profissionais e a instituição profissional como um todo para planejar e se preparar para esta situação. A escola deve oferecer apoio pedagógico e psicológico, além de acompanhar os pais que se sentem inseguros quanto as necessidades e carências de seus filhos que estão neste momento adentrando a Educação Infantil (ANDRADE, 2016).

Cuberes (1997, p.18) aponta que “O desmame afetivo não deve ser brutal e a grande vantagem dos Jardins de Infância e das Escolas Maternais está em que fazem uma transição lenta entre o meio familiar e meio escolar”.

É nesta fase que deve-se ter um olhar diferenciado para as crianças e suas famílias ou contextos em que estão inseridas, pois é na Educação Infantil que a criança inicia sua vida escolar e sem dúvidas traz consigo toda uma bagagem biopsicossocial.

2.3 A CRIANÇA E SUA INSERÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR: AFETIVIDADE E ROTINA

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 29, “A educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Quando a criança ingressa pela primeira vez em uma instituição de Educação infantil ela terá que passar pelo processo de adaptação, no qual geralmente as crianças apresentam um pouco de dificuldade ao sair do convívio e aconchego familiar para se habituar em um ambiente totalmente novo, com pessoas que não fazem parte da sua rotina, aos quais terá que se relacionar obrigatoriamente. Este processo pode causar ansiedades, angústias, e estresses tanto para a criança, como para a família. Por isso faz-se necessário que a educadora prepare a chegada da criança, a fim de aliviar o estresse em que se vivencia nos primeiros dias (ANDRADE, 2016).

Seabra e Sousa (2010) comentam que o termo “adaptação” tem o significado de acomodação ou ajustamento a uma determinada situação, favorável ou não, sendo um tipo de conformismo. Estes termos permitem que seja substituído por “inserção” ou “acolhimento”, o que acontece de fato neste processo.

O acolhimento de acordo com Ferreira (2008), *apud* Seabra e Sousa (2010) é a forma de receber, hospedar, agasalhar, aceitar, abrigar, refugiar, entre outros. Isto é acolher a criança representa recebe-la de forma que ela se sinta amparada e protegida.

Para Reda e Ujiie (2009, p. 10092) “o tipo de adaptação adequado varia muito de criança para criança, segundo suas características afetivo-emocionais e bastante em relação à idade da criança de ingresso na instituição educacional”.

As reações das crianças no momento de inserção na Educação Infantil podem ser diversas. Algumas reações físicas podem ser dores, febres, vômitos, diarreia, entre outras, e também emocionais como não dormir, não comer, não brincar, timidez, apatia, raiva, agressividade, e assim por diante (RAPOPORT; PICCININI, 2001).

Há alguns casos em que as crianças podem apresentar comportamentos diferentes daqueles praticados em casa, como por exemplo, voltar a urinar ou evacuar na roupa, alterações no apetite, maior incidência de doenças, isolamento e podem criar certa dependência em um brinquedo ou chupeta (RCNEI, 1998).

Sabe-se que o choro é a primeira forma de manifestação do bebê para demonstrar o seu descontentamento com algo (PEREIRA, 2018), e na adaptação isso não será diferente, o professor necessitará ter a sensibilidade para entender esse choro e assim, procurar meios e estratégias para corrigir esse desconforto.

Sabe-se que “[...] o choro da criança, durante o processo de adaptação, parece ser o fator que mais provoca ansiedade tanto nos pais quanto nos professores” (ANDRADE, p. 19, 2016).

A propósito:

As crianças desta fase estão se constituindo subjetivamente e possuem formas específicas de se apropriar do mundo e da realidade que as cerca. São ávidas exploradoras e inicialmente fazem isso através da ação física, sugando, tocando, apertando, cheirando, mordendo, engatinhando e experimentando diferentes sensações (CAIRUGA; CASTRO; COSTA, 2014, p. 10).

É de muito significado ter algum tipo de afetividade no momento de acolhimento das crianças. Para isso, é necessário ter uma aproximação com a criança, realizando algum tipo de interação para sentir sua emoção. Com estas medidas, aos poucos, as crianças acabam se adaptando. Reda e Ujiie (2009) afirmam:

Criar um clima propício de aproximação não é tão simples. É preciso um olhar cuidadoso e atento para perceber o que aproxima as crianças. Esse tipo de ação contribui para a consolidação de vínculos afetivos e de vivência. Nesses casos, o que está em jogo é o exercício da convivência, são as pequenas ações que fazem prevalecer à comunhão de uns com os outros, a socialização, enfim a efetivação do processo de adaptação de sucesso. (REDA e UJIE, 2009, p.10087).

Os RCNEI (1998) afirmam que a organização da rotina deve também fazer parte do planejamento de acolhida dos alunos, sempre com a intenção de acolher as crianças, de acordo com suas necessidades. Nos primeiros dias é essencial organizar o ambiente repensando a rotina em função da chegada das crianças, levando em consideração os gostos e preferências delas, procurando sempre oferecer-lhes atividades atrativas com pinturas, desenhos, modelagem, brinquedos, areia, água, entre outros.

Ortiz (2000) comenta sobre a permissão e respeito pelo modo de ser da criança, seus rituais e rotina específica, e sempre proporcionar suavidade na adaptação, sem rupturas bruscas e maior controle do aluno no processo, para ir aos poucos se ajustando ao grupo.

2.4 PAPEL DO EDUCADOR NO PROCESSO DE INSERÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA

Ao entrar no espaço escolar, a criança terá um universo de possibilidades em que irá conviver e interagir com outras pessoas em um ambiente novo e rico em conhecimento (FALCO e KOK, s/a). É de vital importância a integração com os professores e os colegas, o que lhe proporciona um ambiente seguro e acolhedor, pois até aquele presente momento o seu lar era o único convívio social que ela conhecia (GOMES, 2014). Dessa forma, é imprescindível o professor pedagogo no Centro de Educação Infantil, pois tem formação para tudo.

Assim, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil:

No primeiro dia, ou seja, o contato inaugural da criança na instituição, a atenção do professor deve estar voltada para ela de maneira especial. Deve haver neste dia um planejamento bem elaborado para que a criança possa ser bem acolhida. É recomendável receber poucas crianças por vez para que se possa atendê-las de forma individualizada. Com os bebês muito pequenos, o principal cuidado será preparar o seu lugar no ambiente, o seu berço, identificá-lo com o nome, providenciar os alimentos que irá receber, e principalmente tranquilizar os pais. A permanência na instituição de alguns objetos de transição, como a chupeta, a fralda que ele usa para cheirar, um mordedor, ou mesmo o bico da mamadeira a que ele está acostumado, ajudará neste processo. (RCNEIS, Vol.2, 1998, p.79).

O educador dentro de uma sala de aula será aquele mediador de conflitos e situações sócio educacionais. Portanto, se referindo a aprendizagem não pode impor conhecimentos e saberes os quais considera acabado e seus, mas proporcionar momentos de redescoberta autônoma aos alunos, a fim de superar os seus limites, por meio da sugestão de jogos onde as crianças poderão explorar suas experiências conscientes e torna-las firmes e concretas quando aplicadas ao mundo externo (REBERVEL, 1996).

A formação básica do educador nesta faixa etária é imprescindível, e colocar os melhores docentes nestas instituições seria uma consequência para uma das demandas mais importantes da formação do indivíduo. Além da formação necessária, é importante definir incentivos que traduzam essa prioridade política numa imagem social (TEDESCO, 1998).

No final do ano de 2009, o Ministério da Educação (MEC), indutor de políticas públicas para a educação brasileira, lançou, para a Educação Infantil de zero a 5 anos, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, ressaltando que a formação de professores também é condição essencial para uma Educação Infantil de qualidade. Tais programas formativos devem levar os professores a refletir a respeito de sua prática: Tais programas são um direito das professoras e professores no sentido de aprimorar sua prática e desenvolver a si e a sua identidade profissional no exercício do trabalho. Eles devem dar-lhes condições para refletir sua prática docente cotidiana em termos pedagógicos, éticos e políticos, e tomar decisões sobre as melhores formas de mediar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, considerando o coletivo de crianças assim como suas singularidades. (BRASIL, 2009, p. 13).

O ingresso de uma criança na Educação Infantil faz com que as famílias precisem de ajuda para que sejam capazes de superar este momento junto com seus filhos ou agregados. Os profissionais da instituição escolar devem planejar e organizar o apoio pedagógico e psicológico que prestará aos responsáveis, a fim de dar acalento a família que se sente insegura quanto as necessidades de seus filhos (ANDRADE, 2016).

A diretoria de Educação Infantil de Florianópolis-SC (2011) comenta sobre a inserção de crianças na Educação Infantil.

A inserção é um período rico de encontros e exige dos profissionais constante atenção, a fim de poderem encorajar e facilitar essa nova e importante experiência vivida pelas crianças e seus familiares. Nesse processo, cada criança manifesta seus sentimentos de maneira própria, o que exige a elaboração de um planejamento que privilegie o direito à atenção individual. Nesse sentido, a organização do tempo, espaços, materiais e atividades são elementos importantes a serem contemplados no planejamento. (2011, p. 2).

A escola tem o papel de promover que a separação entre os pais e filhos seja saudável, fazendo com que o sentimento de insegurança ou abandono não permaneça com a criança. Esta instituição torna-se responsável por fazer com que a criança se sinta bem-vinda, utilizando para isso formas de afeto (LADWING; GOI; SOUZA, 2013).

Ademais, são nessas interações que as atividades lúdicas oportunizam que o educando aja de maneira ativa no processo de construção de sentidos, e como diria Vygotsky (1984), a criança age de forma avançada voltada para vivências imaginárias as quais se tornam significativas na medida em que são transportadas para a vivência real desses indivíduos. É essa a educação que mostra para as crianças novas formas de aprender que não aquela focada exclusivamente no ensino e sim, momentos de aprendizagens em que a criança vive papéis, elabora conceitos e exterioriza o que pensa da realidade, agindo de forma consciente (KISHIMOTO, 2002).

Mas, também há estudos na área referente a um choro que terminará vencido pelo cansaço ou esgotamento emocional, mesmo este não sendo o caminho mais saudável para a adaptação. Dessa forma, acredita-se que “[...] Deve ser dada uma atenção especial às crianças, nesses momentos de choro, pegando no colo ou sugerindo-lhes atividades interessantes” (RCNEIS, 1998, p.81).

Ademais, é importante saber que uma das formas de ter sucesso na adaptação é “[...] criar vínculo com essa criança, bem como tentar trazer algo para a escola que seja pessoal e o faça lembrar da sua família, para que dessa forma o mesmo possa sentir-se bem no ambiente escolar para fazer novas descobertas.” (PEREIRA, 2018, p. 01). Nesse sentido, o afeto seria um

dos melhores caminhos, não é deixar a criança “manhosa”, mas fazê-la sentir-se confortável e acolhida no novo ambiente, e principalmente expor está a um espaço rico em ludicidade.

Nos primeiros dias de aula, o professor pode planejar e organizar o ambiente escolar considerando os gostos das crianças e oferecendo-lhes atividades atrativas que os envolvam durante sua rotina, como atividade com material de pintura, desenho, modelagem, brinquedos de casinha, areia, etc. (RCNEI, 1998).

Nesses ambientes, a construção do vínculo afetivo entre a criança e a educadora responsável constitui um processo gradativo e exerce um papel central na inserção da criança no novo ambiente, particularmente no primeiro e segundo anos de vida. Essa construção é mediada pelas relações que se estabelecem entre a mãe e a educadora, pelos membros da equipe da creche (coordenadora, técnicos) e pelo programa educacional, o qual é planejado de acordo com a faixa etária das crianças a que atende e se traduz em rotinas de atividades específicas. (AMORIM; VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p.134).

La Roca (2012) comenta sobre as dificuldades que os docentes enfrentam em lidar com transformações na família, acreditando que essa instituição enfrenta crises o que as torna incapazes de cumprir seu papel socializador.

No processo de adaptação a família é fundamental, pois a criança necessita do apoio familiar para se considerar como um membro pertencente a instituição. Isso se justifica pelo fato dos familiares serem os mediadores na apresentação de novos espaços, pessoas e rotinas, e por isso as reações dos familiares colabora para a significância dessa experiência infantil (BRASIL, 1998).

Os docentes precisam considerar o conceito de família para serem capazes de trabalhar de forma que possa atender todos os envolvidos na educação. Sobre isso Szymanski (1997) discorre sobre a organização das famílias:

- "família desestruturada" não quer dizer mais do que uma família que se estrutura de forma diferente do modelo de família nuclear burguês;
- a mera forma de a família se organizar não é responsável pelo comportamento acadêmico de suas crianças;
- as próprias famílias são vítimas de violência (a da segregação social e as outras);
- as próprias famílias podem recorrer à violência contra a escola e a professora, reproduzindo as condições como são tratadas [...] (p.219-220).

Chung (1995, p. 64), ainda comenta que nem todas as famílias são necessariamente violentas, mas “percebem que a prática de bater nas crianças é a forma mais considerada pelas famílias como sendo a mais adequada para educar uma criança. Tal prática é utilizada como forma de punição pelo baixo rendimento”.

Reconhecer os vários tipos de famílias, suas condições e especificidades, permite que os educadores se aproximem das famílias no momento que tentam se inserir na comunidade em que trabalham, apropriando-se de suas histórias, cultura, cotidiano, entre outros. Faz-se necessário possibilitar o acesso de diversas pesquisas e trabalhos acadêmicos aos educadores a fim de que possam esclarecer e apontar a relação existente entre família e escola, a qual é bastante frágil na maioria dos casos. Deste modo, observa-se a importância da formação continuada para esses profissionais, a qual pode ser realizada em parceria com universidades, permitindo assim um reconhecimento que “[...] significa, além de descobrir a própria ignorância sobre o outro e seu mundo, desvelar seus saberes e suas competências” (SZYMANSKI, 1997, p. 222).

De acordo com Rapoport e Piccinini (2001) a qualidade no atendimento institucional é uma condição básica para colaborar na adaptação das crianças em seus primeiros dias.

[...] a razão adulto-criança existente na creche. No estudo realizado por Howes (1990), centros de atendimento de alta qualidade tinham razão adulto criança de 1:4, para crianças até dois anos e de 1:6 a 1:7, para crianças mais velhas. Nos locais de má qualidade, a razão variava de 1:6 a 1:12, para crianças com menos de um ano e 1:10 a 1:15, para crianças maiores. Além disso, crianças em centros de alta qualidade não tiveram mais do que dois cuidadores diferentes no primeiro ano, um cada turno. A média de cuidadores em centros de má qualidade variava entre três e oito (RAPOPORT E PICCININI 2001, p.88).

Os profissionais da educação consideram importante acolher as crianças no momento da sua adaptação, oferecendo-lhes carinho, atenção e segurança, buscando sempre conquistar sua simpatia e passar-lhes confiança. É a relação afetiva com o outro que colabora para aumentar a segurança tão necessária no momento de explorar novos ambientes (DIESEL, 2003).

Colaborando com o exposto, Oliveira (1995, p. 127) comenta que “[...] acolher adequadamente a criança exige que se tenha um trabalho coletivo, em que todos se empenhem em organizar o espaço e a estrutura da escola, visando atender as necessidades infantis”.

Dessa forma, percebe-se a relevância do professor pedagogo para o acolhimento das crianças recém-chegadas na Educação Infantil. Sua função pode ser entendida como um apoio emocional e psicológico para os pais, mas principalmente para as crianças. Para que a aprendizagem possa acontecer de forma satisfatória, o aluno deve se sentir acolhido no ambiente escolar e para que isso aconteça o professor deve preparar este ambiente, tanto como forma de acolhimento, como com atividades atrativas e que envolvam as crianças.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho discorreu sobre o tema da adaptação de crianças na Educação Infantil, de 3 a 6 anos. Por meio de uma revisão bibliográfica foi possível verificar a importância do professor pedagogo neste processo.

Historicamente surgiram diversas concepções de infância e essa evolução permitiu que a criança passasse a ser um membro integrante da família, que gradualmente se organiza para dar-lhe a devida importância, considerando-a como um ser com sentimentos e necessidades.

No seu primeiro contato com o ambiente escolar, a criança pode apresentar diversos sentimentos como angústias, ansiedades, choro, falta de apetite, entre outros. Para minimizar estes efeitos e não gerar estresses devido a essa mudança na rotina da criança e no seu desligamento do convívio e aconchego familiar, o professor pedagogo deve preparar essa chegada.

Para ter sucesso nesta etapa, é imprescindível que o professor pedagogo analise sua rotina, planeje e realize atividades atrativas para a criança, criando vínculos que a façam lembrar de sua família. Desta forma, a adaptação vai acontecer de forma mais sutil e natural, e aos poucos essa criança vai entrando no ritmo deste novo ambiente.

Tão importante quanto acolher a criança, é passar segurança para os pais ou responsáveis nos primeiros dias em que estes deixam seus agregados aos cuidados da escola. No primeiro contato é fundamental que os professores e toda a equipe escolar tranquilizem os pais e passem a segurança necessária para que a separação com seus filhos não gere tanto impacto em suas vidas, e também para que se sintam confiantes em deixá-los aos cuidados da equipe escolar, pois toda a mudança exige um conforto social e emocional.

Por fim, pode-se afirmar que a importante função do professor pedagogo no processo de adaptação das crianças 3 a 6 anos quando estas são inseridas no contexto da Educação infantil, fazendo que este processo se torne menos doloroso para todos: criança, família e escola.

REFERÊNCIAS

- AHMAD, L. A. S. **Um breve Histórico da Infância e da Instituição de Educação Infantil** P@rtes (São Paulo). V.00 p.eletrônica. Junho de 2009.
- AMORIM, K. S.; VITÓRIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche.** Cadernos de Pesquisa, n. 109, p. 115-144, mar. 2000.
- ANDRADE, M. I. F. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil.** Natal/RN, 2016.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** 2. ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** V.1 Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- _____. Ministério da Educação/Secretaria da educação Básica. **Indicadores de Qualidade na Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2009.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil /** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo. Disponível em :< http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em 06 out 2019.
- CAIRUGA, R. R.; CASTRO, M. C.; COSTA, M. R. (Orgs). **Bebês na escola: observação, sensibilidade, e experiências essenciais.** Porto Alegre: Mediação, 2014.
- DIESEL, M. **Adaptação escolar: sentimentos e percepções do educador diante da questão.** Revista do professor, Porto Alegre, n. 19, p 10-13, abr./jun. 2003.
- DIGIÁCOMO, M. J.; DIGIÁCOMO, I. A. **Estatuto da Criança e Adolescente;** anotado e interpretado. Curitiba, SEDS, 2013.
- CASTRO, C. M. C. Da sutil arte de lidar com as informações. In: CASTRO, Claudio de Moura. **A Prática da Pesquisa.** 2. Ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. p. 106-158.
- FALCO, F.; KOK, M. G. P. **A importância do espaço na Educação Infantil.** s/a. Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/8417.pdf. Acesso em: 06 nov. 2019.
- GOMES, E. B. **Aprendizagem docente e desenvolvimento profissional de professores de Matemática, investigação de experiências colaborativas no contexto da Amazônia Paranaense.** Belém/PA, 2014.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 183 p.

KISHIMOTO, T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. (Org); - 8 ed.- São Paulo: Cortez, 2002.

KOHAN, W. O. Infância. **Entre educação e filosofia**. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LADWING, V. K.; GOI, R. E. P., SOUZA, J. L. G. **Adaptação e acolhimento na Educação Infantil**, 2013.

MARANHÃO, D.G.; SARTI, C.A. **Creche e família**: uma parceria necessária. Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 133, , p. 171-194, jan./abr. 2008.

NETO, C. A. F. **Motoricidade e jogo na infância**, Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Creches no sistema de ensino**. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.). Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

ORTIZ, G. **Adaptação e Acolhimento**: Um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição. 2000. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/gestaoescolar/acolhida-cisele-ortiz.pdf> > Acesso em: 05 de out. 2019.

PASSETTI, E. O menor no Brasil Republicano. In: PRIORI, Mary Del. **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.

PEREIRA, K. T. S. **A importância da adaptação na educação infantil**. Disponível em: <<https://meuartigo.brasile escola.uol.com.br/educacao/a-importancia-adaptacao-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em 06 out 2019.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche**: alguns aspectos críticos. Psicologia: reflexão e crítica, v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001.

REBERVEL, O. **Jogos Teatrais nas escolas**; Ed: Scipione 1996.

REDA, M. G.; UJIE, N. T. **A Educação Infantil e o Processo de Adaptação**: as concepções de educadoras da infância. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009.

SEABRA, K.; SOUSA, S. **Educação Infantil**. Volume único. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

SZYMANSKI, H. **Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola**. Idéias, n. 25, p. 213-225, 1997.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.